

espectro político, da esquerda à direita, escapa do quitute

JOTABÉ MEDEIROS

Ciro Gomes come de carne. Patrícia Pillar e Rita Camata preferem de queijo. Mário Covas, o ideólogo-mor do quitute, gostava dele com recheio de palmito, mas admitia variações. Lula não tem uma definição ideológica nesse quesito: o que vier ele traça. Paulo Maluf nunca passa batido por um deles, seja na Ceagesp ou no Mercado Municipal – é freguês de carteirinha.

Na gastronomia da campanha política, ninguém manda mais do que o clássico pastel. Não há direita, centro ou esquerda que escape ao acepipe inevitável das carreatas, no corpo-a-corpo com o eleitor. Historicamente, houve quem se ariscasse por pratos menos óbvios, como a buchada de cordeiro, mas o pastel é visto quase sempre como uma ponte para o estômago das urnas: todo mundo come e, se o candidato também come (e com vontade), ele é gente como a gente.

A parada para o pastel, durante uma caminhada de campanha, permite também uma abordagem direta ao eleitor. “O que você sabe sobre Juscelino Kubitschek?”, saatinou o candidato Ciro Gomes (PPS), dirigindo-se a uma estudante durante uma “pastelada” em Lavras (MG), na quinta-feira.

Em julho, o candidato José Serra (PSDB), que invocou o passado do pai como fruteiro no Mercado Municipal de São Paulo – homem humilde que venceu às custas do próprio esforço –, voltou ao local



Alckmin, Maluf, Aécio, Serra, Patrícia, Ciro, Rita e Covas, espécie de patrono do quitute: o pastel parece ser visto pelos políticos como uma ponte gastronômica com o eleitor

Sergio Castro/AE

Evelson de Freitas/AE



Joédson Alves/AE



onde Francisco Serra foi posto à prova no passado e foi ele mesmo posto à prova. À sua frente, em julho, estava um portentoso pastel de queijo. Serra foi ao confronto com o petisco, mas fez uma mistura insólita: pediu uma média para acompanhar.

Onipresença – No Mercado Municipal, no Pelourinho, no Recife Velho: não tem candi-

dato em campanha que escape dessa imperiosidade gastronômica. Apesar de ser tido como uma instituição paulistana – o Sindicato dos Feirantes estimou em 50 milhões de pastéis consumidos mensalmente na cidade –, os candidatos têm comido pastéis pelo País todo, de feiras-livres em Vitória (ES) a rodoviária do Distrito Federal, de Cohabs na periferia de São Paulo à Boca Mal-

uita de Curitiba (PR).

O pastel é tão íntimo da política que já teve até senador inaugurando pastelaria. Foi em 1997. O senador Humberto Lucena abriu, com sua mulher Ruth, uma loja na Praça da Alimentação do Shopping Brasília. E já foi cantado também nas novas correntes da MPB. Os músicos Vicente Barreto e Celso Viáfara homenagearam a preferência

popular na brejeira canção *Pastel de Feira*.

Mas há senões. A médica endocrinologista Adriana Morétti, de São Paulo, adverte para o perigo que é substituir uma refeição pelo pastel. “Se o candidato for um pouco gordinho, é um veneno”, diz Adriana. “O pastel tem uma quantidade absurda de calorias e baixa qualidade nutricional, é pobre em fibras e a massa não tem proteína.”

A inevitável associação pastel e caldo de cana também pode trazer algum risco para candidatos diabéticos, já que o caldo é rico em glicose e altamente calórico. Pelo menos um dos candidatos ao governo de São Paulo não dispensa a mistura: Paulo Maluf (PPB). Ele foi à Ceagesp na segunda-feira, conversou com varejistas e fregueses e atacou um pastel com caldo de cana. Enquanto come seu pastel, o ex-prefeito e ex-governador aproveita e “entrevista” eleitores.

Maluf só não encara mesmo é um quibe no corpo-a-corpo eleitoral. O quitute lhe é particularmente caro devido à sua origem libanesa, e ele acha melhor comer aquele que é preparado de maneira tradicional.

O PT abandonou ontem seu distanciamento em relação às provocações do adversário tucano José Serra e lhe desferiu seus primeiros golpes, no ringue eleitoral em que se transformaram os sites dos presidenciáveis. Rompendo vários dias de silêncio, nos quais o candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi cobrado sobre “como criará os 10 milhões de empregos”, o boletim “Informes”, mantido por deputados petistas na Câmara, lembrou a Serra que foi ele quem deu início à privatização do setor elétrico – cujo modelo o candidato criticou em recente debate na TV.

Essa privatização, diz o boletim, resultou no corte de milhares de postos de trabalho. Como ministro do Planejamento e presidente do Conselho Nacional de Desestatização (até 1996), Serra privatizou a Escelsa (ES) e a Light (RJ), demitindo “metade dos 2,6 mil funcionários” na Escelsa e cortando “mais de 6 mil dos mais de 11 mil empregos que gerava”.

Um segundo ataque do PT contra Serra foi feito, no site do PT, pelo deputado Ricardo Berzoini (SP), que “considerou suspeita a liberação de mais de R\$ 1,5 bilhão para obras e projetos às vésperas da eleição”. Berzoini pediu “que o Ministério Público acompanhe” a destinação de novos gastos.

No site de Serra, que comemora a adesão do goleiro Marcos, do Palmeiras, à sua candidatura, aparece uma janela que cobra do rival petista o crédito da Carteira do Primeiro Emprego, anunciada por Lula no horário eleitoral. Segundo os tucanos, a idéia foi lançada em novembro do ano passado, pelo Instituto Sergio Motta, ligado aos tucanos.

No site de Ciro Gomes, Serra é cobrado por ter dito que se Juscelino estivesse vivo “seria tucano”. O texto diz que isso “é um abuso e desrespeito à memó-